

“APRENDI QUE A COR DA MINHA PELE ME BENEFICIA E ME DÁ PRIVILÉGIOS”: OS SENTIDOS SUBJETIVOS PRODUZIDOS POR ESTUDANTES DE PSICOLOGIA ATRAVÉS DA DISCIPLINA DE RELAÇÕES RACIAIS

Victor Hugo Brandão Meireles¹

Pedro Braga Carneiro²

Norma da Luz Ferrarini³

INTRODUÇÃO

É sabido que há uma hierarquia no processo de ensinar, naquilo que se pode transmitir como conteúdo necessário para uma determinada disciplina e área de conhecimento. Há implicações da identidade da pessoa que a escreve. Não é mais sobre o conteúdo, o conhecimento ou a pesquisa, é sobre quem a escreve. Escrever aqui pode ser no sentido de planejar a disciplina, escolher autores(as) e textos, vieses das abordagens dos temas e conteúdo, ações didáticas e avaliativas. O que bell hooks nos diz é que a historicidade de uma educação científica produzida nos moldes do ensino superior é perpassada pelas diferenças. É uma educação que reproduz as necessidades contraditórias da sociedade? Essa hierarquia é o que bell hooks (2013) chama de classes intelectuais, “[...] nenhuma teoria que não possa ser comunicada numa conversa cotidiana pode ser usada para educar público.” (bell hooks, 2013, p. 90).

Como isso implicaria questionar como (re)educar um corpo docente de um curso de Psicologia, partindo da constatação do predomínio de docentes e de autores (as) pertencentes a uma hierarquia de classe intelectual branca, patriarcal e cisheteronormativa presente nesse espaço e nesse fazer profissional? Como exemplo, bell hooks (2013, p. 90):

1 Doutorando em Psicologia da Universidade Federal do Paraná – UFPR, meireles0001@gmail.com

2 Doutorando em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, pedrobragacarneiro@gmail.com;

3 Pós-doutorado em Psicologia. Professora Titular da Universidade Federal do Paraná, normadaluz@gmail.com.

Imagine a mudança que aconteceu dentro dos movimentos feministas quando as estudantes, mulheres em sua maioria, entraram nas aulas de Estudos da Mulher e leram o que lhes diziam ser teoria feminista, mas descobriram que aquilo que liam não tinha sentido, não podia ser entendido, não tinha ligação nenhuma com as realidades “vivas” fora da sala de aula.

Provoca-se pensar que as diferenças são produzidas e reproduzidas pelos espaços de realidades que, objetivamente e subjetivamente, se constroem nas relações sociais que são marcadas por raça, classe e sexo/gênero. Não tem como falar de teoria se não olhar para a realidade que contempla não somente pessoas brancas que fazem teorias para pessoas brancas, mas pessoas pretas e pardas que fazem teorias para pessoas pretas e pardas, para pessoas LGBTQ+, para pessoas com deficiência e assim por diante. E como fica a Psicologia diante desta problemática na formação de discentes e futuros profissionais?

A subjetividade é um sistema simbólico-emocional ligado à cultura, configurado por sentidos subjetivos desenvolvidos em vivências e experiências da pessoa em diferentes espaços sociais atravessados por marcadores sociais de raça, de classe e sexo-gênero que permeiam a subjetividade de docentes e discentes no curso de suas diferentes ações e interações (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017).

E como forma de apreender essa dialética entre papéis sociais produzidos, reproduzidos e expressos em um contexto social de ensino superior, a consubstancialidade permite explicá-los em uma perspectiva materialista, histórica e dinâmica, cuja sua ‘unidade de substância’ aponta para leitura da realidade social na sua dinâmica e complexidade das relações sociais que se entrelaçam de maneira recíproca, expressando subjetividades que se constituem na trama social através das categorias de raça, classe e sexo/gênero (KERGOAT, 2010).

Esta pesquisa, em andamento, trata-se de um relato de experiência docente que expressa contribuições da disciplina de Psicologia e Relações Raciais na formação de estudantes de um curso de graduação em Psicologia de uma instituição privada em Curitiba. Seu objetivo foi analisar os sentidos subjetivos expressos por estudantes e seus impactos em suas configurações subjetivas sobre o marcador social “raça”. Foram utilizados os instrumentos de redação e da ‘caixa de sentimentos’ disponibilizada ao final de três aulas consecutivas ministradas sobre temáticas da “historicidade do processo da escravidão no Brasil”, a “historicidade dos censos raciais e identidade nacional” e trabalho em sala de aula sobre “quais as relações do branqueamento com as aulas anteriores da disciplina” para duas turmas dos períodos matutino e noturno, onde estudantes escreviam como se sentiram durante a aula. Essa produção foi anônima e voluntária. Todavia, por

se tratar de um resumo expandido, será apresentado um recorte dessa pesquisa, focando somente nas redações.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a construtivo-interpretativa de Fernando González Rey que se apoia na Epistemologia Qualitativa e na Teoria da Subjetividade do mesmo autor. Permitiu buscar a legitimidade do conhecimento produzido pelo professor durante o percurso da disciplina e a sua relevância e especificidade como uma produção teórica na sua relevância social e científica (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017).

A disciplina de Psicologia e Relações Raciais é ministrada pelo autor principal desta pesquisa, o qual se autodeclara enquanto homem, negro, cisgênero e gay. Ela foi ofertada pela primeira vez no segundo semestre de 2023. Na grade curricular, ela é obrigatória e acontece no início do curso, para calouras(os/es) do primeiro período em conjunto com segundo e terceiro períodos. Portanto, é uma disciplina que contempla mais de uma turma ao mesmo tempo. Estavam matriculados(as) 47 alunas(os/es) no período matutino, sendo 21 calouras(os/es), 19 do segundo semestre e 7 do terceiro. Já no noturno temos 68 no total, sendo 21 do primeiro semestre, 25 do segundo e 22 do terceiro, totalizando 115 alunas(os/es) matriculados(os/es) nessa disciplina. Para a turma da manhã ela é ofertada todas as quintas-feiras das 8h às 11h30min e para turma da noite às sextas-feiras das 19h às 22h30min, com seu início dia 17 e 18 de agosto e término 7 e 8 de dezembro de 2023.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na segunda aula que ocorreu no dia 25/08 com a turma da noite cujo tema previsto era sobre processo da escravatura no Brasil, ocorreram diversos acontecimentos de racismo em sala de aula. Alguns discentes autodeclarados brancos e brancas trouxeram questões emocionais que os atravessam naquele momento, como incômodo quando as pessoas negras alertam os mesmos sobre palavras racistas e a solicitação para a não utilização delas, porém sem indicarem o caminho onde devem pesquisar e aprender mais a respeito. Nesse contexto, após muitas tentativas, o professor pediu que trouxessem para a aula seguinte, 1º de setembro, a seguinte questão respondida por escrito e de forma anônima: “Por que uma disciplina de relações raciais é importante para um curso de Psicologia?”. Diante de várias objeções e embates, foi proposto de que a redação fosse voluntária.

Na aula do dia 01/09 somente três estudantes trouxeram a redação escrita à mão e bastante diferentes uma da outra. Todavia, compartilharemos apenas duas redações que são mais apropriadas ao objetivo do texto. A primeira redação é de uma pessoa autodeclarada do sexo/gênero feminino, branca e cisgênera do primeiro período, a qual leva o título deste resumo. Sua redação tem uma característica diferente das outras duas, pois se aprofunda mais em sua perspectiva pessoal sobre assunto. É um texto que narra seu salto qualitativo sobre seu próprio processo de construção de sua identidade racial branca formulada pelos privilégios da branquitude.

O início demarca sua expectativa sobre a disciplina e o que esperava aprender com ela, assim como sua percepção de raça: “Há três semanas, eu esperava aprender mais sobre a cultura das pessoas negras e sua história. [...] Esperava aprender mais sobre empatia.” (PARTICIPANTE 1, 2023). Em seguida discorre sobre o atual momento, a mudança:

Hoje, tenho outras percepções e observei equívocos. Aprendi que não tenho que achar⁴ ou esperar⁵. Aprendi que o ‘problema racial’ não é das pessoas negras. Aprendi que faço/sou parte dessa trama hostil. Aprendi que a cor da minha pele me beneficia e dá privilégios em nossa sociedade, mesmo que eu não esteja ciente ou me negue a perceber. Aprendi que o receio acaba utilizando uma palavra errada ou que a vontade de ser uma pessoa empática, não anula o racismo arraigado em meu ser. Aprendi que ser contra a segregação racial não basta, não me torna nobre, não é suficiente para proporcionar alguma mudança. Aprendi que meu dever é buscar ferramentas que me fornecerão autonomia para me posicionar contra o racismo e encontrar soluções, pois o aprender é necessário, mas o fazer é transformador. Aprendi que ainda tenho muito o que aprender. Contudo, em poucas semanas, já não sou mais a mesma. Sou grata pelas aulas que o professor tem nos permitido vivenciar e permaneço na inquietação por viver as demais.

A segunda redação foi escrita por uma pessoa autodeclarada sexo/gênero masculino, branco e cisgênero e que teve falas racistas na segunda aula:

A psicologia e relações raciais, aborda questões relacionadas à discriminação, preconceitos, estereótipos, desigualdades raciais, e o branqueamento como método de ser inserido em um sistema de branquitude. Trazer o conceito de algo ou palavra, se diz muito sobre essa palavra. Quando a psicologia traz o conceito de raça, no sentido

4 Sublinhado no próprio texto escrito à mão.

5 Sublinhado no próprio texto escrito à mão.

de origem, aponta a importância da abordagem. Para alguns, são poucos, o processo da escravidão no Brasil, já não deveria ser lembrado, no intuito de realmente esquecer este processo, no entanto trazer a memória faz necessário para que as pessoas entendam que ainda que a escravidão na prática, já não exista mais, a diferenciação que levou a esta prática ainda existe. Uma fala disfarçada, um olhar e atitudes, são práticas de um resquício deste processo. O comportamento humano e as interações sociais são afetadas pelas percepções, preconceitos e discriminação racial. O acadêmico em psicologia, através desta matéria aprenderá não somente a atuar com pessoas racializadas, mas também promover a igualdade racial e sensibilização para questões raciais na prática clínica.

A primeira redação expressa o processo da construção de novos sentidos subjetivos oriundos da experiência da disciplina sobre pensar reflexivamente a sua posição na formação de uma identidade racial. Desta forma, permitiu-se produzir um novo caminho para compreensão de sua configuração subjetiva sobre raça por antes não se colocar conscientemente como parte da construção das relações raciais, isto é, não via sua identidade racial branca como raça.

Isso vai de encontro com a segunda redação, no qual ao final dela ao ser dito “[...] O comportamento humano e as interações sociais são afetadas pelas percepções, preconceitos e discriminação racial. O acadêmico em psicologia, através desta matéria aprenderá não somente a atuar com pessoas racializadas. [...]” compreende-se a confusão entre haver um comportamento humano que carregue na subjetividade as tramas sociais e a atuação da psicologia com pessoas racializadas, que se subentende sejam pessoas negras. Há mais uma forma de compreender os sentidos subjetivos desse estudante, como não se colocar como parte do problema e isolar a análise a respeito.

A branquitude se estrutura sistematicamente enquanto uma identidade racial através da materialidade simbólica gerada inicialmente com o colonismo e imperialismo (SCHUCMAN, 2014), isto é, historicamente construída para que simbolicamente produza posições sociais de privilégio a um grupo em detrimento de outros. Consequentemente, é uma identidade baseada na relação de dominação-exploração com outros fenômenos sistematicamente estruturados na sociedade, como patriarcado e o capitalismo.

Desta forma, os sentidos subjetivos produzidos no vivenciar sua identidade racial pode expressar a contradição do não se enxergar pertencente a uma identidade por a mesma ter sido colocada como invisível, por ser naturalizada, como explicam os estudos sobre pensamento psicológico racial no Brasil, em que a

medicina utiliza-se do determinismo biológico para explicar somente as pessoas negras (DOS SANTOS; SCHUCMAN e MARTINS, 2012).

As configurações subjetivas de raça dos dois estudantes expressaram o seu valor subjetivo singular sobre a mesma experiência, constituindo as articulações de sentidos subjetivos pertencentes a sua história de vida. Evidencia que um teve maior articulação com a produção de novos sentidos subjetivos ao perceber fazer parte das relações raciais com sua identidade racial branca; já o outro distancia-se da compreensão de pertencer a uma raça, a branca. Por isso, os sentidos subjetivos expressam a história de vida de cada sujeito e que nesse caso ambos são atravessados, em diferentes níveis e contextos, sobre o racismo sistematicamente estruturado, dando espaço para que suas configurações subjetivas sobre raça permaneçam estáveis ou promovem mudanças com uma disciplina sobre relações raciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se a importância para uma formação antirracista no curso de Psicologia, a implicação de estudantes no processo de transformação social não somente da posição em aprender, mas de refletir criticamente sobre a realidade marcada pelas diferenças. Isso, considerando o pacto narcísico da branquitude, o epistemicídio de autorias negras nos currículos escolares e universitários, e a sub-representação de pessoas negras nos espaços docentes e gestores dos processos educacionais. Não é de se admirar que a proposta de estudos sobre relações raciais, que tanto revelam sobre nossa história, cause estranhamentos, desconfortos, e uma série de afetos e mobilizações. “Aprender ‘dói’, tanto do ponto de vista psíquico, no sentido de se apropriar do novo e de reestruturar seu pensamento a partir deste, quanto do ponto de vista social”, aponta Pinheiro (2023, p. 80).

Deste modo, reforça-se o papel transformador da educação, preconizado por bell hooks como um ambiente (apesar das crises e dificuldades) capaz de promover o pensamento crítico, questionando as desigualdades e injustiças de um sistema de dominações, e possibilitando sua transformação (bell hooks, 2020). Além disso, na formação de novos sentidos subjetivos e configuração subjetivas racializadas que coloquem as pessoas brancas – enquanto futuros(as/es) psicólogos(as/es) – parte da sistemática estrutura em que as privilegiam em posições que tornam um pacto não falado, com suas contribuições simbólicas perpassadas pelo preconceito e a discriminação, isto é, não existe uma psicologia antirracista sem que as pessoas brancas também falem das suas posições de privilégios.

Palavras-chave: Relações Raciais, Sentidos Subjetivos, Psicologia, Formação Antirracista.

REFERÊNCIAS

bell hooks. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2013. 283p.

bell hooks. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática.** São Paulo: elefante, 2020.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Relações Raciais: referências técnicas para a atuação de psicólogas(os).** Brasília, CFP, 2017.

SANTOS, A. DE O. DOS.; SCHUCMAN, L. V.; MARTINS, H. V. Breve histórico do pensamento psicológico brasileiro sobre relações étnico-raciais. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 32, n. spe, p. 166-175, 2012.

GONZÁLEZ REY, F.; MARTÍNEZ, M. A. **Subjetividade, teoria, epistemologia e método.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.

KERGOAT, D. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. **Novos Estudos - CEBRAP**, n. 86, p. 93-103, mar. 2010.

PINHEIRO, B. C. S. **Como ser um educador antirracista.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.